



**A POIÉTICA CURATORIAL DO COLETIVO ARTE NEGRA EM MOVIMENTO -
ANEM**

**THE CURATORIAL POETICS OF THE BLACK ART IN MOVEMENT COLLECTIVE
- ANEM**

Stefani Souza de Jesus¹

Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Associado/a/e ANPAP: não

Flávia Maria de Brito Pedrosa Vasconcelos²

Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Associado/a/e ANPAP: sim

RESUMO

O presente artigo discute o conceito de Poiética de René Passeron (1920-2017), na qualidade de consciência das condutas criadoras. Com base nas ações curatoriais do coletivo Arte Negra em Movimento - ANEM nos espaços expositivos da cidade de Santa Maria-RS, através deste conceito, pretende-se narrar, a partir da ótica decolonial, como a conduta criadora curatorial nas exposições DENEGRIR (2019) e DENEGRIR II (2023) possibilitaram a ampliação de discursos contra-hegemônicos e a aproximação do público as manifestações artísticas contemporânea de artistas racializados.

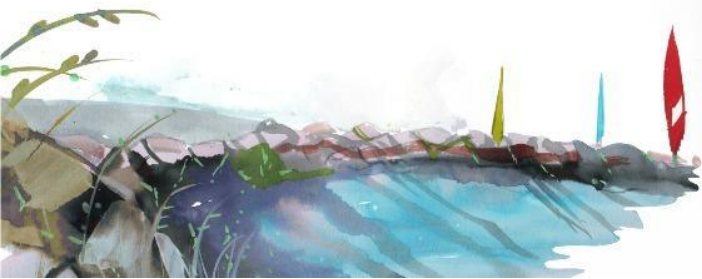
Palavras-Chave: Arte Negra em Movimento. Coletivo. Curadoria. Espaço Expositivo. Poiética.

ABSTRACT

This article discusses René Passeron's (2017) concept of Poietics, as an awareness of creative behavior. Based on the curatorial actions of the collective Arte Negra em Movimento - ANEM in the exhibition spaces of the city of Santa Maria-RS, through this concept, we intend to narrate, from a decolonial perspective, how the curatorial creative conduct in the exhibitions

¹ Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria (2023); Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria (2023 -); Membro do Grupo de Pesquisa Artes Visuais e Criatividade - AVEC (2023 -); Membro do Coletivo Arte Negra em Movimento (2019 -). Email: stefani.jesus@acad.ufsm.br. Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/4337769087679453>. Santa Maria, Brasil.

² Docente do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais - PPGART, Centro de Artes e Letras - CAL da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Líder do Grupo de Pesquisa Artes Visuais e Criatividade - AVEC - CNPQ/UFSM e coordenadora do Laboratório de Criatividade e Inovação - LACRIA. Email: flavia.p.vasconcelos@ufsm.br. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7285933895645743>. Santa Maria, Brasil.



DENEGRIR (2019) and DENEGRIR II (2023) made it possible to expand counter-hegemonic discourses and bring the public closer to the contemporary artistic manifestations of racialized artists.

KEYWORDS: Black Art on the Move; Collective; Curator; Exhibition space; Poietics.

INTRODUÇÃO

O coletivo Arte Negra em Movimento - ANEM surge no ano de 2019 por intermédio de estudantes vinculados ao curso de Artes Visuais - Bacharelado/Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Visando à valorização da história e da cultura afro-diaspórica no campo das artes visuais, o coletivo propõe-se a enegrecer os espaços expositivos da cidade de Santa Maria - RS. Ao longo destes cinco anos em atuação o ANEM tem trabalhado na ampliação, produção e manutenção acerca do que tange a produção contemporânea de artistas racializados residentes de Santa Maria-RS, oferecendo meios e condições para a circulação dessas manifestações artísticas entre a sociedade santamariense.

O curador Igor Simões aponta que “o continente europeu fundou a história da arte ao mesmo tempo que inventava um mundo que só passou a existir quando enquadrado sob suas lentes. Lentes de desumanizar o outro” (Simões, 2019, p. 43). Este outro assume o caráter de estrangeiro, ao qual não pertence a este lugar com resolutivo valor simbólico, histórico e de produtor de conhecimento. A construção desta narrativa hegemônica que parte de um lugar e de condições específicas - branca, masculina e europeia desencadeou uma história da arte posta na qualidade de universal, essa condição universalizante, produziu por séculos o ocultamento, a subalternização, a marginalização e silenciamento sistemático das manifestações artísticas não ocidentais.

A historiografia eurocêntrica instrumentalizada por instituições museais não abrangem demais contextos étnicos, culturais, sociais e epistemológicos. Essa dominação foi estabelecida e fortalecida pelo processo de colonização, que classificou diferenças culturais, sociais, políticas e epistemológicas entre raças e etnias, sob a condição de inferioridade.



Trata-se de uma estrutura que produz um padrão mundial de dominação social, política, cultural, econômica, simbólica e epistêmica, que parte da Europa para o resto do mundo, fundada durante o advento da colonização, alicerçada sobretudo na instauração artificial das categorias de raça, gênero e na divisão e exploração do trabalho que alimentam o sistema capitalista (PAIVA, 2022, p. 28).

Mesmo com o fim do colonialismo, a lógica da colonialidade ainda permeia as estruturas sociais na contemporaneidade, em relações assimétricas de poder, que impõe padrões europeus e coloniais na subjetividade do sujeito. No entanto, tem emergido nos últimos anos, uma virada decolonial na arte brasileira, com exposições, programas e curadorias que abrem espaços para produções artísticas afro-diaspóricas que historicamente foram excluídas dos ambientes culturais hegemônicos. O pensamento decolonial têm sido um ponto de partida na revisão desta história da arte universal, pois contrapõe os efeitos da colonialidade no sistema das artes, ao propor “o reconhecimento da heterogeneidade cultural e da pluralidade das formas de expressão artísticas de origem não ocidentais” (Simões, 2022, p. 37).

É a partir do quesito racial que o coletivo ANEM têm manifestado a necessidade do reconhecimento da pluriversalidade cultural e epistemológica produzida por sujeitos melanizados, no qual suas perspectivas de abordar e interpretar os *modus operandi* devem ser válidas, apontando como equívoco a invisibilidade e o apagamento sistemático de saberes produzidos por este grupo minoritário.

A fim de dialogar com o conceito de *Poiética* de René Passeron (1997), uma ciência e filosofia que investiga a conduta criadora, na qualidade do pensamento possível da criação, o presente artigo parte das ações curatoriais do ANEM nos espaços expositivos da cidade de Santa Maria-RS, a fim de refletir a partir de uma ótica decolonial, como a conduta criadora curatorial nas exposições DENEGRIR (2019) e DENEGRIR II (2023) possibilitam a ampliação de discursos contra-hegemônicos e a aproximação do público as manifestações artísticas contemporânea de artistas racializados. Apesar do conceito estar relacionado diretamente ao pensamento possível do fazer artístico do artista, este ato pode ser deslocado para o processo curatorial, que detém um conjunto de práticas numa sequência de atos, responsável



pela execução de exposições, meio pelas quais as obras se manifestam publicamente.

REAPROPRIAÇÃO PARA A REPARAÇÃO

Antes de adentrar especificamente no conceito da Poiética de Passeron (1997), é necessário compreender o conceito de estética, enquanto uma qualidade fundamental na compreensão dos processos da Poiética. A estética carrega consigo como ponto central a terminologia grega *aisthesis*, que tem por significado a possibilidade de “sentir o mundo, compreendê-lo pelos sentidos, é o exercício das sensações” (Almeida, 2015, p. 139) e esta experiência frutiva não necessariamente pertence unicamente ao universo da arte, ela pode ser tudo aquilo que desencadeia sensações em nós em todas as esferas. Assim, Passeron (1997) afirma que a estética tem por objeto de consciência e de reflexão todo o universo que chega a nós pelos sentidos, pelos sentimentos e pela linguagem afetiva, numa relação mútua.

No entanto, entre os séculos XVII e XVIII a Europa vivenciava um período de delimitação das áreas do conhecimento, ou seja, uma construção teórica específica para cada área e neste momento a arte torna-se disciplina e converte-se em história da arte. O conceito de *aisthesis*, que anteriormente se denominava um fenômeno comum a todos os organismos vivos, também tornou-se uma teórica específica, com uma nova terminologia que conhecemos hoje como ‘estética’. A estética passa a ser um campo teórico restrito a discutir questões voltadas à beleza e ao belo no campo da arte.

Esta operação cognitiva se constituiu, nada mais e nada menos, como a colonização da *aisthesis* pela estética [...] foi na Europa que a teorização particular da experiência se tornou universal, resultando na desvalorização de qualquer “experiência sinestésica” que não levasse a termos os conceitos europeus relacionados à noção de estética (MIGNOLO, 2010, p.14 apud PAIVA, 2022, p. 157-158).

A estética, ao operar uma experiência direta construída a partir das estruturas do sentir, que condiciona a conduta criadora, enquanto ato de fazer o objeto da Poiética - a obra de arte, deve ser repensada a partir da ótica da decolonialidade, visto que na



contemporaneidade quando falamos sobre produções artísticas não ocidentais, a exemplo da afro-diaspóricas, não existe separação entre arte e vida, ambas estão interligadas na existência poética que é a própria vida, a própria política, a própria identidade imersa em um mundo sensível.

René Passeron (1997), evidencia a Poiética como ciência e filosofia da conduta criadora. A Poiética não é a criação ou o resultado obtido, mas o pensamento possível de criação é a consciência do processo da conduta criadora articulada a uma responsabilidade ética, política e social envolvidos no decorrer do processo. “Na arte, a poiética estuda apenas a conduta criadora [...], ocupada unicamente com a conduta humana no que ela tem de criador, [...] por uma mutação de consideráveis consequências, da filosofia da sensibilidade à da ação” (Passeron, 1997, p.108). Este movimento de fazer a obra de arte levá-la ao ato criador não ausenta a presença da sensibilidade na conduta criadora, somente não está em primeiro plano, dado que a poiética não se envolve diretamente com o campo dos afetos, uma condição consciente/inconsciente que movimenta o artista a se manifestar artisticamente, o importante aqui é fazer a obra de arte, levá-la ao ato concreto, pois o artista no decorrer processual de sua conduta criadora pode experienciar em sua ação as sensações sejam elas estéticas ou naturais.

A poiética atravessa experiências, por meio da arte e é neste ínterim que o coletivo ANEM se manifesta. Ao refletir a integração entre arte e vida atravessada por questões étnico-raciais, exteriorizando questões e inquietudes emergentes de caráter subjetivo e identitário, em relação à visão eurocêntrica e hegemônica no campo das artes e ao seus códigos simbólicos invisíveis nos espaços expositivos institucionalizados, que o coletivo questiona a invisibilidade, o apagamento e a falta de acesso a esse lugar, para artistas, racializados.

A poiética exercida pelo ANEM concretizado em ato é revelada pelos processos de enegrecimento dos espaços expositivos institucionais da cidade de Santa Maria-RS, e no fazer e estar coletivamente que o ANEM juntamente com seus pares pesquisa, documenta e registra questões de raça que perpassam o circuito artístico da cidade, assim possibilita a criação de campos de resistência, ao questionar o discurso e o



território universal, hegemônico e eurocêntrico no campo da arte, que segue sendo composta majoritariamente por homens, brancos, cisgênero, heteronormativo, no qual as narrativas instituídas solidificam-se numa relação estrutural de controle e poder, desecadeando à subalternização.

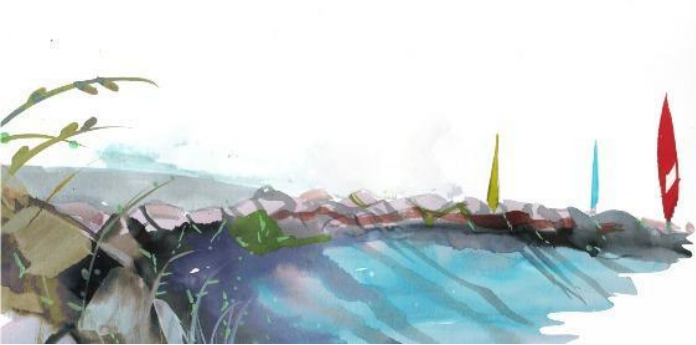
Logo, é necessária uma desobediência epistemológica a esse sistema, que carrega consigo a herança colonial, à vista disso, o coletivo dirige-se ao enfrentamento do regime de autorização discursiva no campo da arte, com práticas de colaboração sustentadas no desejo de atuar e criar ocupações simbólicas. Desta maneira, ao pensar o seu lugar de fala, ou seja, sua localização social em sua conduta criadora nas ações expositivas e curatoriais, o ANEM causa interrupções no regime de autorização discursiva nos espaços expositivos institucionalizados, ao presentificar poéticas e subjetividades de corpos negros em um ambiente que até pouco tempo atrás, recebia pouca atenção.

As consequências deste silenciamento, no campo da arte, nos incita a pensar, a associação constante que as produções artísticas de artistas racializados, são restringidas a temáticas associadas muitas vezes somente à sua pertença racial. ²Se falamos, podemos falar sobre tudo ou somente sobre o que nos é permitido falar ?

DENEGRINDO

No ano de 2019 o coletivo ANEM realizou sua primeira exposição intitulada "DENEGRIR", que ocorreu no Centro de Convenções da Universidade Federal de Santa Maria, na qual contou com a presença de 14 artistas racializados. A conceituação da exposição foi pensada a partir da palavra *Denegrir*. Em um primeiro momento ela pode vir a ser interpretada, enquanto uma acepção negativa, ofensiva ou até difamatória contra algo ou alguém. Entretanto, *denegrir* não significa necessariamente algo negativo. E é nesta subversão de significado que o ANEM constroi a narrativa curatorial e conceitual da exposição.

O filósofo brasileiro Renato Nogueira (2012) trabalha com a palavra *denegrir*, a partir da conceitualização filosófica da pluriversalidade. Frente a uma inflexão Nogueira



propõe, por meio da mitologia egípcia, com o mito *Nut, deusa do céu e Geb, deus da terra* uma mudança de paradigma ao termo *denegrir*, que significa torna-se negra/negro, ou seja, enegrecer.

Nut é a deusa do céu e Geb, deus da terra. Enquanto está é masculina, o céu é feminino. O céu é fecundado pela terra para que se possa dar luz às primeiras deusas e primeiros deuses e o mundo seguir seu curso. Nut engole o sol todos os dias no crepúsculo sobre as montanhas do oeste e dá luz na aurora. A terra é negra e o sol precisa da negrura do ventre de Nut para ser revitalizado e renascer no dia que virá. Num direto espelhamento da ação contínua de Nut de engolir e parar o sol, o hábito humano deve ser sonhar, dormir tem o sentido de enegrecer, isto é acolher o sol ou simplesmente, viver no mundo dos sonhos. Num registro, negro, negra, preta, preto e escuridão são sinônimos de lugar que revitaliza, fertilizante, fértil, de criação e renovação. Em outro, negro, negra, preta, preto e escuridão são sinônimos de sonho. [...] Portanto, *denegrir* é definido como regeneração. Ou seja, torna-se negro significa revitalizar a existência (NOGUEIRA, 2012, p.66-67).

Negro, negra, preto, preta tornam-se sinônimos de um lugar de revitalização e fertilização da existência. *Denegrir* passa a ser definido como regeneração, no qual torna-se negro significa revitalizar a existência. O termo que anteriormente perpassa um caráter negativo e depreciativo, pode ser utilizado de analogia à construção da imagem do sujeito racializado entre meados do século XVI e início do século XIX período de colonização no Brasil. Apesar do fim do colonialismo há heranças desta lógica colonial em nosso imaginário na contemporaneidade.

A partir desta problemática surge a proposta da exposição DENEGRIR, no qual o significado do termo é transportado ao espaço expositivo, ou seja, enegrece-lo, não somente o fisicamente mas também os códigos simbólicos que permeiam esse ambiente, através das manifestações artísticas dos artistas presentes que percorrem temáticas que interseccionam questões políticas e identitárias frente às inquietudes do que é ser negro no Brasil. A conduta criadora na curadoria do ANEM desloca-se de modo pluriversal, ao exercer um debate contra-hegemônico frente ao silenciamento e ocultamento sofrido pelas produções artísticas afro-diaspóricas.



[...] a produção artística em si revela-se um território rico e complexo, um espaço de enunciação repleto de discursos, relações de sentido, apropriações, ressignificações e assimetrias tanto de caráter estético como de caráter semântico. Ela revela-se um lugar de diálogo com a história da história da arte - ela mesma uma narrativa “, que sugere inserções no discurso oficial de outras narrativas formadas por tradições não ocidentais: histórias e memórias pessoais e coletivas, modos de ver, perceber e experimentar a realidade, filtrados por tradições africanas, tradições indígenas linguagens populares e eruditas interpeladas entre si, num movimento contínuo e dinâmico de criação de novas possibilidades (LOPES, 2016, p.40 apud PAIVA, 2022, p. 87).

O diálogo que antes perpassa a ausência de determinadas narrativas, passa a ser presentificado por intermédio da exposição DENEGRIR, em que as manifestações artísticas revelam a necessidade de equidade na arte, evidenciando que o processo da colonialidade ainda vive e exerce um poder simbólico e material nos espaços expositivos institucionais. Neste momento, estes corpos produzem e inserem-se na instituição museal, a partir de suas histórias, de sua cultura, de seus signos, agora tais narrativas construídas são salvaguardadas, evidenciando uma nova construção epistemológica no campo da arte. Agora nossos corpos, mentes e poéticas entranham e infiltram-se nesta estrutura.

Somando-se aos propósitos da primeira edição, de reivindicação de espaços para a presentificação de artistas racializados, quatro anos depois, em 2023 é realizada a segunda edição da exposição DENEGRIR II na Sala Monet Plaza Arte do Museu de Arte de Santa Maria - MASM. A exposição contou com a presença de doze artistas. O coletivo juntamente com os artistas alinharam-se para compartilhar e ampliar suas referências em relação a estudiosos negros e negras no sistema da arte, pois se não enxergamos nossos pares enquanto geradores de conhecimento, logo penso que não pertencemos a este lugar com resolutivo valor intelectual. Como aponta Paiva (2022), “o sistema da arte, como parte do âmbito cultural, necessita ser analisado a partir da ótica decolonial, que bem aponta as tensões geradas entre poder, subjetividade, identidade, representação e conhecimento”.

As obras presentes na exposição refletiam o encontro presencial de resgate a fatos históricos em torno do sujeito racializado, ampliando a consciência crítica do artista e



do público, a fim de reescrever o presente, e semear a decolonização dos olhares, sob o corpo negro. DENEGRIR II buscou fortalecer identidades individuais e coletivas, ao subverter a imagem colonizadora a partir da noção de que “apenas mudando coletivamente o modo como olhamos para nós mesmo e para o mundo é que podemos mudar como somos vistos” (Hooks, 2019, p.34), desde modo podemos criar um mundo, no qual a negritude possa ser vista sob um novo olhar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização do coletivo Arte Negra em Movimento - ANEM torna-se estratégia ao rever a ordem hegemônica, epistêmica e discursiva do sistema da arte. Sob uma ótica decolonial foi possível proporcionar um diálogo entre o fazer curatorial do coletivo ao conceito de Poiética de René Passeron (1997). A poiética do ANEM descola reflexões a referente ao dinamismo cultural, simbólico, discursivo existente nas relações que permeiam este sistema. Neste íterim que o coletivo ANEM se manifesta, ao refletir a integração entre arte e vida atravessada por questões étnico-raciais, exteriorizando questões e inquietudes emergentes de caráter subjetivo e identitário, em relação à visão eurocêntrica e hegemônica no campo das artes e ao seus códigos simbólicos invisíveis nos espaços expositivos institucionalizados, que o coletivo questiona a invisibilidade, o apagamento e a falta de acesso a esse lugar, para artistas racializados.

A poiética exercida pelo ANEM concretizado em ato é revelada pelos processos de enegrecimento dos espaços expositivos institucionais da cidade de Santa Maria-RS, em que suas manifestações curatoriais tornam-se de modo relevante ao viabilizar condições e meios à produção contemporânea de artistas racializados, que encontram-se tanto no meio acadêmico e institucional, quanto fora dela, pautando temas emergentes que atravessam questões sociais, raciais, políticas e subjetivas.

Referências

ALMEIDA, Rogério de. **O mundo, os homens e suas obras: filosofia trágica e pedagogia da escolha**. 2015. 204 f. Tese (Livre-docência) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2015. Disponível em:



<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/48/tde-15032016-143517/pt-br.php#:~:text=O%20mundo%2C%20os%20homens%20e,tr%C3%A1gica%20e%20pedagogia%20da%20escolha&text=>. Acesso em: 5 jul. 2025.

HOOKS, Bell. **Olhares Negros Raça e Representação**. 1ª Edição. São Paulo, Brasil. Elefante, 2019.

NOGUERA, Renato. **Denegrindo a educação: Um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. n.18, p.62-73, maio-out/2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4523>. Acesso em: 5 jul. 2025.

PAIVA, Alessandra Simões. **A virada decolonial na arte brasileira**. 1ª Edição. Bauru, SP. Mireveja, 2022.

PASSERON, René. **Da estética à poiética**. Porto Arte, Porto Alegre, v.8, n.15, p. 103-116, nov. 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/27744>. Acesso em: 28 jul. 2024.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento: Justificado, 2017.

SIMÕES, Igor Moraes. **Todo cubo branco tem um quê de Casa Grande: racialização, montagem e histórias da arte brasileira**. Revista PHILIA Filosofia, Literatura & Arte. Porto Alegre, v.3, n.1, p.314-329, maio/2021.

SIMÕES, Igor Moraes. Vozes Negras e suas implicações nas artes visuais brasileiras. **Arte & Ensaios, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ**, v. 27, n. 41, p. 448-453, jan-jun. 2021. ISSN - 2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n41.26>.

Notas

¹A menção é feita apenas às produções artísticas afro-diaspóricas, por atender o campo epistemológico das ações do coletivo Arte Negra em Movimento. Ademais, outras produções como: africanas, indígenas, oceânicas e asiáticas, também encontram-se neste contexto.

²Questão que a escritora e artista Grada Kilomba traz em seu primeiro capítulo intitulado: A máscara: colonialismo, trauma e descolonização, em seu livro Memórias de plantação: episódios de racismo cotidiano; (KILOMBA apud RIBEIRO, 2017, p.44).



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS